

DIFICULDADES ENFRENTADAS POR PROFESSORES PARA A ABORDAGEM DO TEMA ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: LIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Valter Forastieri*
Liziane Martins*

*Professores do Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário Jorge Amado – UNIJORGE, Salvador – BA. Mestres em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana – UFBA/UEFS – BA. E-mails: forastieri_biologia@yahoo.com.br e lizi_martins@yahoo.com.br.

RESUMO: A abordagem do tema orientação sexual nas escolas envolve controvérsias, dilemas e o enfrentamento de carência de materiais instrucionais que auxiliem no tratamento do tema. Além disso, suas discussões são permeadas por questões moralistas, tabus, constrangimentos e informações desatualizadas e do senso comum. Frente a este cenário, este trabalho objetivou investigar se os professores abordam o tema 'Orientação Sexual' em suas aulas de Biologia e quais as dificuldades que enfrentam para a abordagem deste tema. Para atingir este objetivo, analisamos qualitativamente as concepções sobre o tema de 20 professores de Biologia da rede estadual de Salvador (Bahia). Por fim, constatou-se que muitos professores consideram importante o tratamento do tema, mas não o faz, por se sentirem incapacitados. Fato este visualizado nas análises, através de abordagem equivocada, desatualizada do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Orientação sexual, ensino de Ciências, formação de professores.

ABSTRACT: The approach of sex orientation in schools involves controversies, dilemmas and shortage of instructional materials that assist in the treatment of the subject. Moreover, their discussions are permeated by moral issues, taboos, constraints and outdated information and of the common sense. Faced with this scenario, this study aimed to investigate whether teachers discuss the subject 'Sex Orientation' in their Biology classes and what difficulties they find to teaching this issue. To achieve this aim, we analyzed qualitatively the views of twenty biology teachers from Salvador (Bahia). Finally, it was found that many teachers consider important the treatment of the subject, but they do not do, because they feel incapacitated. Fact displayed on this analysis, through misguided and outdated approach about subject.

KEYWORDS: Sex orientation, Science teaching, teachers training.

1 INTRODUÇÃO

A orientação sexual consiste em um tema da educação sexual, incumbida de fornecer informações sobre sexualidade e propiciar um espaço para seu debate e reflexões. Trata-se de uma característica do indivíduo que indica sua atração sexual por um determinado gênero. Esta característica se apresenta de diversas formas na espécie

humana. Pessoas que sentem atraídas pelo gênero oposto são denominadas 'heterossexuais'; pessoas atraídas pelo mesmo gênero, 'homossexuais'; e pessoas atraídas por ambos os gêneros, 'bissexuais'. Partindo do pressuposto de que a orientação sexual é moldada por aspectos psicológicos e da cultura, sem que haja perda de identidade sexual, papel sexual e estereótipo sexual, podemos considerá-la como um traço (EL-HANI et al., 1997; FORASTIERI, 2005, 2006). Neste trabalho, faremos referência sistematicamente à 'variedade' ou 'diversidade' de orientações sexuais para expressar as várias formas nas quais este traço pode ser encontrado na espécie humana.

A orientação sexual é um traço comportamental complexo, cuja explicação científica envolve uma série de questões ainda não respondidas e de verdadeiro interesse científico. No entanto, a frequente construção de explicações deste traço, baseadas em influências apenas ou preferencialmente biológicas ou ambientais, contribuiu para obscurecer a sua compreensão, na medida em que a possibilidade de uma interação não-aditiva¹ (e, em alguns casos, mesmo aditiva) dos fatores envolvidos tem sido muitas vezes ignorada. Vale destacar que, em geral, a metodologia aplicada nas investigações sobre a orientação sexual trata de uma forma indiscriminada os fatores causais envolvidos no desenvolvimento deste traço (EL-HANI et al., 1997).

Tratando de explicações de traços comportamentais, de modo mais abrangente, Sacarrão (1986) comenta:

[...] Ora se defende o inato, ora o adquirido, outras vezes o doseamento dos dois componentes, como se no corpo do homem, ou na sua conduta, pudéssemos isolar os efeitos dessas ações como causas separadas, a atuarem em concertação; os genes pôr um lado, o ambiente pelo outro, em fronteiras perceptíveis e demarcáveis.²

Quando se vislumbra a possibilidade de utilizar a variedade de orientações sexuais como tema de debates escolares em aulas de Ciências ou de outras disciplinas, abre-se um leque de questões sobre como isso poderia ser feito e como as controvérsias no

¹ Em uma interação aditiva ocorre uma simples soma dos efeitos de cada fator causal. Por outro lado, uma interação não-aditiva é uma relação em que as causas interagem de tal modo que não é possível separar seus efeitos e computar seus pesos individuais.

²Retirado do prefácio da edição portuguesa de Genética e Política de Lewontin, Rose e Kamin, publicada 1984.

campo científico poderiam dificultar a abordagem do tema em sala de aula. Outra problemática que emerge é de como seguir as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que sugerem que o tema deve ser abordado de modo a propiciar um espaço organizado para discussões e reflexões sobre os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade (BRASIL, 1997). Acrescenta-se a isto, como destacam Carvalho e Forastieri (2008), o fato de que a variedade de orientações sexuais é um tema visto como constrangedor e polêmico, por envolver questões que geram controvérsia e relacionadas à moral. Além disso, a sua abordagem em sala de aula geralmente é dramática por sofrer influência da religião e cultura de cada povo, criando-se preconceitos, tabus e mitos relacionados ao assunto (FORASTIERI, 2004).

Coloca-se, assim, a importância de investigar o tema, que é social e tem funcionalidade na vida das pessoas, uma vez que a família, a sociedade e os meios de comunicação favorecem o desenvolvimento de noções, concepções equivocadas e muitas vezes impregnadas de mitos e estereótipos que precisam ser esclarecidas. Ademais, a influência das ideias científicas sobre a abordagem da orientação sexual em sala de aula, deve considerar tal influência em termos de três componentes dos sistemas de ensino: professores, materiais instrucionais e estudantes (ver BLACK, 1994). Outros aspectos a considerar dizem respeito à necessidade e à possibilidade de abordar tal tema nas aulas de Ciências, bem como aos procedimentos que devem ser empregados para a recontextualização de elementos das discussões científicas e filosóficas, sobre a orientação sexual, para o contexto da sala de aula.

Frente a este cenário, o presente trabalho tem como objeto de estudo um dos componentes apresentados acima, os professores. Assim, o objetivo principal da pesquisa aqui relatada foi responder às seguintes questões: Os professores abordam o tema 'Orientação Sexual' em suas aulas de Biologia? Quais as dificuldades enfrentadas pelos professores para a abordagem deste tema? Para respondê-las investigamos professores de Biologia do Ensino Médio da rede pública estadual de Salvador.

2 METODOLOGIA

Com a finalidade de levantar suas opiniões e posturas sobre a orientação sexual, foi realizada uma enquete com professores formados de Biologia que atuam na rede pública estadual de Salvador, no Ensino Médio. A análise dos dados foi de natureza qualitativa.

A enquete foi realizada em seis escolas públicas de Salvador, o que corresponde a aproximadamente 5,5% do total de escolas da rede estadual da cidade. Com a finalidade de obter-se uma amostra casual simples, as escolas foram selecionadas por meio de um sorteio, a partir da relação de escolas obtidos no *site* da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

Ela se procedeu por meio de um questionário contendo em sua estrutura uma seção de dados gerais do respondente e outra seção de questões específicas. A escolha de questionários e não entrevistas (que poderiam permitir uma compreensão mais aprofundada do significado atribuído pelos professores às suas ideias), como a ferramenta mais adequada no contexto do presente estudo, resultou da avaliação de que o tema da pesquisa, por ser polêmico e gerar constrangimentos, dificultaria a realização de entrevistas em uma situação naturalística, *i.e.*, o mais próximo possível de uma situação de conversação normal, como consideramos ser desejável. Além disso, enquanto uma entrevista gera maiores preocupações dos respondentes quanto à sua identificação e privacidade, em um questionário, dados pessoais, como nome, endereço e local de trabalho, podem ser omitidos sem dificuldade, permitindo que os professores respondam de forma mais tranquila as perguntas colocadas. Para garantir o anonimato dos professores, nomes fictícios serão utilizados nas análises. Entretanto, a baixa taxa de retorno dos instrumentos (apenas 20 respondentes) de coleta de dados sugere a pertinência de tentar-se, em estudos posteriores, a utilização de entrevistas, de modo a verificar-se se as dificuldades acima apontadas não podem ser superadas, obtendo-se uma maior taxa de adesão dos professores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise das concepções dos professores estávamos investigando se os professores abordam a variedade de orientações sexuais nas aulas e quais dificuldades enfrentam ao abordá-la. Dos 20 professores que participaram da enquete, oito afirmam abordar o tema 'homossexualidade' nas aulas. Porém, apenas três destes professores se consideram capacitados para abordar o tema. Telljohann et al. (1995), em uma enquete realizada nos Estado Unidos, encontraram resultados próximos a estes, relatando que 46% dos professores abordavam o tema e somente 24% destes professores se consideravam capacitados para fazê-lo.

Uma vez que existiam professores na amostra que abordavam o tema e se sentiam capacitados para isso, decidimos analisar com cuidado as concepções desse subgrupo. Partimos, então, para a análise da seguinte pergunta do questionário: **"Com base em suas reflexões pessoais, responda: Qual a causa da homossexualidade?"**. Esta pergunta tinha a finalidade de levantar crenças pessoais dos professores sobre as causas das orientações não-heterossexuais. O mesmo tema foi também abordado por outra situação apresentada no questionário, onde se solicitava aos professores que respondessem: **"Caso um aluno ou aluna perguntasse, em sala de aula: 'Professor, por que existem pessoas que são gays? O que causa isto?' o que diriam?"**. Esta pergunta buscava, em particular, investigar se as concepções pessoais do professor eram levadas para a sala de aula, ou se ele usava um discurso que se diferenciava de suas crenças, nas situações em que estivesse lecionando.

A resposta obtida conteve, no caso da professora Eva, uma clara posição moralista: *"É um desvio de comportamento."* Ao responder a segunda situação, se perguntada em sala de aula por um aluno sobre, esta professora afirmou que utilizaria suas crenças pessoais.: *"Diria o que penso e recomendaria leitura do assunto"*. Tal abordagem, segundo Petrovic (1999), é indefensável em uma sociedade democrática, porque dissemina o preconceito e se contrapõe ao reconhecimento de uma minoria. Para este autor, um professor com visões e atitudes similares a Eva teria de ser impedida de expressar seus padrões moralistas na sala de aula. Reiss (1997, 1999), apesar de não concordar com a ideia de que tais professores deveriam ser censurados, também se

pronuncia contra este tipo de abordagem, considerando preferível que estigmas e preconceitos sejam evitados em sala de aula. Colesante e Biggs (1999), por sua vez, afirmam que este tipo de discurso, no qual o professor rapidamente condena a homossexualidade, não afeta muito as concepções dos alunos. Na visão destes autores, o mesmo ocorreria se o professor defendesse os homossexuais com poucos argumentos. Estes autores constataram que os alunos são mais influenciados pelo professor quando este apresenta relatos de casos na sala de aula, contando histórias, e quando aborda um tema mostrando posições favoráveis e contrárias.

O professor Adão citou apenas explicações ambientais em suas concepções sobre a orientação sexual e não foi explicitamente preconceituoso: *“Educação doméstica, influência do meio em que vive, opção pessoal, desejo de ‘provar’ coisas novas, novas vivências”*. Pode-se afirmar que sua concepção apresenta o problema de que a orientação sexual é entendida simplesmente como uma opção. Qualquer trabalho sobre orientação sexual, seja no campo da Biologia, dos estudos culturais ou da Psicologia, assume que esta é construída (linha interacionista) ou determinada (linha determinista), mas não se defende uma posição de que exista uma ‘opção sexual’. Ao responder a segunda pergunta apresentada acima, este professor não utilizou argumentos científicos, preferindo seguir uma linha ‘politicamente correta’, ao fazer um discurso sobre liberdade, aliado à explicação de senso comum da orientação sexual como opção: *“Cada um é livre para escolher o que comer, o que beber, o que fazer e até a opção sexual”*.

Na amostra total, foi observado que 14 professores acreditavam que a orientação sexual é uma opção. Este resultado se mostra preocupante, se tivermos em vista a recomendação de Fletcher e Russel (2001) de que, em uma abordagem da orientação sexual em sala de aula, um dos primeiros tópicos a serem tratados consiste, precisamente, na rejeição do entendimento da orientação sexual como uma escolha ou opção.

Do grupo de professores que se sente capacitado para abordar o tema ‘variedade de orientações sexuais’, o terceiro respondente, o professor Felix, sugeriu uma série de fatores: *“Desregulação hormonal, gravidez em que a mãe esperava que nasça (sic) uma menina e vem um menino e vice-versa (sic). Tratamento que a criança recebe do pai,*

decoração do quarto das crianças. Tumores nas gônadas e na glândula supra-rena(sic)...não há, em princípio, um único fator que leve ao homossexualismo e sim uma série de fatores. Nas moscas de frutas, a mutação em alguns genes leva ao homossexualismo". A resposta deste professor tem como ponto positivo o fato de que reconhece uma variedade de fatores causais que poderiam estar envolvidos no desenvolvimento da orientação sexual. Porém, há também sérios problemas em sua resposta. Ela sugere que a homossexualidade poderia ser atribuída a fatores patológicos, como problemas hormonais, ou pior ainda, tumores, inclusive na glândula supra-renal, que não tem qualquer relação com a orientação sexual masculina³. O professor também menciona um trabalho sobre drosófilas que, com o aumento da temperatura, iniciavam uma superprodução de triptofano, o que afetava seu comportamento de monta, fazendo com que machos montassem em outros machos. Trata-se de um trabalho que teve muita repercussão na mídia, mas que está relacionado a um comportamento sexual que, claramente, não é homólogo da orientação homossexual, uma vez que, ao que tudo indica, as doses aumentadas de triptofano alteram, na verdade, a percepção do animal. Rose (2001) afirma que este tipo de pensamento, muito usado em argumentos deterministas, consiste em uma extrapolação de modelos de comportamento obtidos com animais para produzir modelos de comportamento humano. No que tange à sugestão de que a decoração do quarto de uma criança, ou o desejo de um pai de ter uma menina, ou a forma como um pai trata o filho podem constituir fatores que contribuiriam para o desenvolvimento de uma orientação não-heterossexual, apesar de tais elementos aparecerem em algumas explicações dadas pela Psicologia, estas são também controversas. Este professor afirma, ainda, que relataria sua crença em sala de aula, acrescentando o elemento 'opção sexual': *"O fato de ser gay ou não é uma opção de cada pessoa..."*.

Nota-se que os três professores que abordam o tema orientação sexual em sala de aula, sentindo-se capacitados para tanto, utilizam elementos do senso comum nas suas explicações, ao passo que também não apresentam argumentos científicos atualizados,

³ Vale destacar que um trabalho de Meyer-Bahlburg (1979) mostra uma correlação entre mulheres com hiperplasia da glândula adrenal e homossexualidade. No entanto, tal trabalho não se propõe a afirmar que todas as mulheres homossexuais têm altas taxas de testosterona, produzida pelas glândulas adrenais, mas somente que isso poderia explicar alguns casos de homossexualidade feminina. Agrega-se a isto o fato de que não há outros trabalhos que confirmem este achado.

deixando a abordagem em um nível superficial ou com erros conceituais. O professor Félix, em particular, apresenta um caso bastante interessante, mostrando um grau relativamente grande de familiaridade com ideias sobre a orientação sexual que aparecem na mídia ou no senso comum, mas sem dispor de elementos que lhe permitam se apropriar de modo mais crítico das informações às quais tem acesso.

Em nossa pesquisa haviam perguntas que buscavam saber se os professores se sentiam capacitados para abordar o tema 'diversidade de orientações sexuais' em suas aulas. Cinco professores afirmam que se sentem capacitados para abordar a variedade de orientações sexuais em sala de aula, correspondendo aos três professores que abordam o tema (analisados acima) e mais dois professores que afirmaram não abordá-lo.

As concepções destes dois últimos professores não diferem muito daquelas dos outros três que também se consideram capacitados. Um deles acredita que não há causas definidas para homossexualidade, sendo esta uma 'opção pessoal'. Ao responder a situação sobre como agiria na sala de aula, este professor discursaria, como podemos verificar em sua resposta a seguinte pergunta: "**Com base em suas reflexões pessoais responda: Qual a causa da homossexualidade?**", a ideia da opção sexual. O outro professor afirma não saber se há causas e declara que, na sala de aula, afirmaria que não há nada comprovado sobre causas genéticas da orientação sexual.

Uma série de temas relacionados à sexualidade foi listada no instrumento da pesquisa: relações sexuais, gravidez na adolescência, DST, menstruação, métodos contraceptivos, masturbação e homossexualidade. Perguntou-se qual destes temas o professor se achava menos preparado para abordar. Dos participantes da pesquisa, 17 professores indicaram estar menos preparados para falar sobre 'homossexualidade', incluindo um professor que declarou, em outra questão, sentir-se capacitado para abordar este assunto, apesar de não fazê-lo; assim como um dos professores que declarou sentir-se capacitado e abordar o tema. Isso indica que mesmo estes professores que sentem-se mais preparados para tratar do tema orientação sexual, consideram-no o tópico sobre sexualidade mais difícil de se trabalhar.

O que estava por trás de outra pergunta feita para os professores foi saber quais os motivos que tornam um professor menos capacitado para tratar o tema 'variedade de

orientações sexuais'. Para sabermos esta informação, apresentamos no questionário uma lista de motivos que poderiam justificar a menor segurança do professor para abordar o tema indicado como mais difícil de ser trabalhado. O professor poderia marcar quantos motivos desejasse. Os motivos apontados pelos 17 professores que se consideraram menos preparados para abordar a homossexualidade foram: **"Falta bibliografia sobre o assunto"**.

O motivo 'falta de bibliografia' foi citado por nove professores. Na amostra total, 10 professores indicaram que sentiam falta de bibliografia sobre o assunto, incluindo um professor que se considerava capacitado e abordava o tema em sala de aula. Este professor adicionou ao questionário respondido a observação de que não conhecia qualquer livro didático que abordasse a homossexualidade. Andrade, Forastieri e El-Hani (2001) realizaram um levantamento em livros didáticos de Ciências e Biologia do Ensino Fundamental e Médio, respectivamente, sobre o tema variedade de orientações sexuais, chegando à conclusão de que os livros de Ensino Médio de Biologia não abordam o tema e, em geral, limitam a discussão da sexualidade a tópicos de anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor, DST e AIDS. No levantamento realizado por estes autores, somente um livro didático de Ciências do Ensino Fundamental abordava o tema de maneira adequada, ainda que sem grandes detalhamentos. Desse modo, a observação feita pelo professor se mostra compreensível. Em uma enquete em que se aplicou a mesma metodologia deste estudo com alunos de licenciatura, a falta de bibliografia foi indicada como o fator mais relevante para a dificuldade em abordar a variedade de orientações sexuais em sala de aula (CARVALHO & FORASTIERI, 2008).

Outro motivo apontado pelos professores foi: **"Sei muito pouco a respeito"**. Sete dentre os professores investigados admitiram ter pouco conhecimento do tema orientação sexual para poder discuti-lo em aulas. Isso alerta para a necessidade de informar melhor os professores sobre esta questão, que consiste em investimento na formação de professores e na produção de materiais instrucionais.

O motivo: **"O tema me incomoda\constrange"** também foi destacado. O fato de os professores ficarem envergonhados diante da necessidade de tratar do assunto é um dos problemas que, segundo Reiss (1997, 1999), pode atrapalhar a abordagem da orientação sexual nas escolas. Na amostra investigada, apenas uma professora, a mais

velha do grupo, revelou não se sentir capacitada por conta do incômodo ou constrangimento que o tema gerava nela. Na enquete de Telljohann et al. (1995), 19% da amostra não se sentia confortável em abordar o tema. Embora o tamanho reduzido de nossa amostra não permite que tiremos conclusões gerais a este respeito, pode-se conjecturar que uma possível razão para a diferença encontrada entre os resultados da presente enquete, neste item, e os resultados de Telljohann e colaboradores, que investigaram concepções de professores de diferentes áreas do conhecimento, consiste no fato de que nosso trabalho foi focado apenas em professores de Biologia, já que é de costume a abordagem de questões referentes à sexualidade nesta área do conhecimento.

“Não sei como os alunos vão receber o tema” foi outro motivo apresentado. Dentre os professores que declararam não se sentirem capacitados para tratar do tema, seis alegam ter receio de que os alunos poderiam não receber bem o tratamento da orientação sexual na sala de aula. Fletcher e Russel (2001) ressaltam que um dos grandes desafios para um professor abordar a orientação sexual é romper a barreira do preconceito que os alunos já trazem para a sala de aula, de modo que se possa, pelo menos, conversar sobre o assunto sem reações desesperadas ou agressivas por parte destes. Estes autores conseguiram bons resultados iniciando a abordagem com alguns argumentos norteadores como, por exemplo, a abordagem, em um primeiro momento, de vários preconceitos conjuntos (racismo, sexismo e homofobia). Eles também sugerem que é importante ter sempre em pauta a caracterização da orientação sexual como um contínuo e não como algo polarizado (homossexuais x heterossexuais), bem como deixar claro que a orientação sexual não é uma escolha (opção) e que não é passível de ser mudada.

Dúvidas a respeito da veracidade das informações que possuem é um motivo que oito dos professores apontaram como justificativa para o fato de não se sentirem capacitados para abordar a orientação sexual, ao assinalarem: **“Ouço muito falar do tema, mas não sei se as informações que tenho são verdadeiras”**. Não é de se estranhar que os professores manifestem tais dúvidas, uma vez que se trata de um tema controverso, tanto no que tange a questões morais, quanto em seus aspectos científicos (FORASTIERI, 2005, 2006). Além disso, na maioria dos temas relacionados à

sexualidade, existem mitos e explicações de senso comum equivocadas em jogo. Fletcher e Russel (2001), por exemplo, afirmam que o primeiro desafio para uma abordagem sobre a orientação sexual no contexto escolar consiste na separação entre informação de qualidade e mitos e explicações de senso comum.

Em outra pergunta do questionário queríamos saber quais as fontes de informação sobre variedade de orientações sexuais que os professores usam. De uma lista de fontes de informação, os meios de comunicação de massa, em primeiro lugar, seguido dos livros e, em terceiro lugar, a família, foram os meios indicados como os que mais passam informações. Na enquete realizada por Telljohann et al. (1995) os meios de comunicação de massa também foram os mais citados, seguidos também pelos livros. Isso coloca em primeiro plano a necessidade de avaliar-se como os meios de comunicação vêm transmitindo informações sobre o assunto. Como há indícios de que os livros didáticos de Ensino Médio não abordam o tema (ANDRADE, FORASTIERI, EL-HANI, 2001, ANDRADE & EL-HANI, 2004) é importante avaliar como o tema é tratado por livros que não são destinados à escola. O fato de os professores terem tais livros como uma de suas principais fontes de informação não constitui garantia de acesso a conhecimento suficiente e/ou de qualidade. Por exemplo, o Guia Prático de Medicina e Saúde (ROTHENBERG, 1987) entende a homossexualidade como uma “[...] *neurose originada de problemas emocionais e atitudes no lar durante a infância* [...]”. Além dos problemas do determinismo ambiental, do entendimento da homossexualidade como uma patologia e da natureza vaga e pouco científica desta explicação, um professor que basear sua abordagem do assunto em sala de aula em tal livro não estará contribuindo para a auto-estima de alunos não-heterossexuais e, tampouco, estará em condições de despertar em seus alunos heterossexuais atitudes de respeito e reconhecimento de pessoas com orientações sexuais diferentes.

Outro aspecto que focamos em nossa pesquisa foi o conhecimento sobre o desejo dos professores em abordar a variedade de orientações sexuais em suas aulas. Neste sentido, Reiss (1997), ao tratar dos problemas relacionados ao ensino da variedade de orientações sexuais, cita como um dos possíveis empecilhos para que tal ensino seja concretizado o fato de os professores não desejarem abordar o tema. Fato este que nos parece compreensível, diante de toda a polêmica que o mesmo desperta. Entretanto, na

amostra estudada, todos os professores manifestaram vontade de trabalhar com o tema. Então, todos os professores discordaram da sentença: **“Não gostaria de ter que abordar homossexualidade e bissexualidade em sala de aula”**.

A visão sobre a maneira como os alunos receberiam o tema também foi geralmente positiva, apesar de não ser unânime, como no caso da sentença analisada acima, 17 dos professores marcaram que concordavam com a afirmação: **“A homossexualidade pode ser abordada em sala, acho que os alunos se interessariam”**. Além disso, 15 dos professores discordaram da sentença: **“Difícilmente a homossexualidade poderia ser abordada em sala, pois pode gerar brincadeiras indesejáveis”**.

Outro problema mencionado por Reiss (1997) quanto à abordagem da variedade de orientações sexuais na escola consiste no medo de alguns setores da sociedade de que o trabalho escolar sobre a orientação sexual seja manipulado para fazer-se uma espécie de propaganda negativa a respeito das orientações não-heterossexuais. Uma das sentenças apresentadas aos professores foi a seguinte: **“Abordar homossexualidade nas aulas é um meio interessante de combater o comportamento homossexual na população”**. Três professores concordaram pouco com esta afirmação e um professor concordou muito. Tal resultado sugere que a preocupação com o estilo da abordagem é justificada. Vale lembrar, que segundo Petrovic (1999), uma abordagem sobre orientação sexual que se destine a combater a homossexualidade é indefensável em uma sociedade democrática. Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais recomendam abordagens que não incentivem os preconceitos contra as minorias (BRASIL, 1997).

Por fim, vale destacar que Reiss (1997) afirma que um dos temores dos segmentos da sociedade que não simpatizam com as orientações não-heterossexuais é o de que a abordagem da homossexualidade em sala de aula acabe por incentivar o comportamento homossexual nos estudantes. Dos professores da amostra investigados 16 não compartilham deste temor, visto que discordaram da seguinte sentença: **“Abordar a homossexualidade de maneira positiva em sala de aula pode incentivar os alunos heterossexuais a tornarem-se homossexuais”**.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas neste trabalho podem ser vistas como animadoras, uma vez que muitos dos professores se mostraram interessados em abordar o tema, acreditando que este seria bem recebido pelos alunos e que se abordado em sala estaria disponibilizando um ambiente organizado para discussões e não para o incentivo a uma determinada orientação sexual. Este modo de enxergar o papel da escola, frente ao tema variedade de orientação sexual, é necessário e está de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Isso porque a escola tem importância social, por suas peculiaridades, pelo tempo em que os alunos lá permanecem e pela proposta de tratar o tema como transversal.

Por outro lado, a maioria dos professores não abordam o tema por se sentirem inseguros e pela carência de materiais instrucionais. Estes problemas podem ser minimizados com investimentos na formação dos professores. Investimentos estes que passam pela inclusão de discussões sobre História e Filosofia das Ciências para a abordagem de questões relacionadas à Educação Sexual. Isso porque estas áreas do conhecimento empodera os indivíduos, permitindo-os distinguir os diversos argumentos e visões que permeiam as questões sobre a variedade de orientações sexuais. Além disso, possibilita compreender as influências históricas, sociais, culturais e as controvérsias, dilemas e mudanças no pensamento científico. Ademais, o que se pode perceber, também, em nossa pesquisa é que os professores de nossa amostra possuem informações desatualizadas, do senso comum e equivocadas, no entanto, estão cientes desse problema, quando afirmam não se considerarem capacitados para a abordagem do tema.

5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, C.; FORASTIERI, V.; EL-HANI, C. N. Como os Livros Didáticos de Ciências e Biologia Abordam a Questão da Orientação Sexual. In: Encontro de Pesquisadores em Educação Científica, 2001, São Paulo. **Anais III ENPEC**, 2001.

ANDRADE, C. P.; EL-HANI, C. N. Concepções dos Livros Didáticos de Ciências e Biologia sobre Orientação Sexual. In: Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia, 2004, São Paulo. **Anais IX Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia**, 2004.

BLACK, N. Mainstreaming Gender, Race, and Sexual Orientation in the Teaching of Political Science. **Political Science & Politics**, p. 716-717, Dec. 1994.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria da Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, M. S.; FORASTIERI, V. Concepções de futuros professores de biologia sobre a variedade de orientações sexuais. In: GUENA, M. (Org.). **Múltiplos saberes**: estudantes constroem conhecimento. Salvador: Centro Universitário Jorge Amado, 2008. p. 95-109.

COLESANTE, R. J.; BIGGS, D. A. Teaching About Tolerance With Stories and Arguments. **Journal of Moral Education**, v. 2, n. 28, p. 185-199, Jun. 1999.

EL_HANI, C. N. et al. Conflitos e perspectivas nas relações entre biologia e cultura. **Interfaces**, v. 1, n. 1, p. 28-39, 1997.

FLETCHER, A.; RUSSEL, S. Incorporating Issues of Sexual Orientation in The Classroom: Challenges and Solutions. **Family Relations**, v. 50, n. 1, p. 34-40, 2001.

FORASTIERI, V. **Concepções de Professores do Ensino de Biologia do Ensino Médio Público Estadual de Salvador sobre a Variedade de Orientações Sexuais**. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Ensino, Filosofia e História da Ciências, Salvador, UFBA, 2004.

_____. História da ciência e a diversidade de orientações sexuais: natureza, cultura e determinismo. **Candombá**: Revista Virtual, v. 1, n. 1, p. 1-15, jan./jun. 2005. Disponível em:

<http://www.fja.edu.br/candomba/2005v1n1/pdfs/ValterForastieri2005v1n1.pdf>.

Acessado em: 10 ago. 2010.

_____. Orientações Sexuais, Evolução e Genética. **Candombá**: Revista Virtual, v. 2 n. 1, p. 50-6-, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.fja.edu.br/candomba/2006v2n1/pdfs/ValterForastieri2006v2n1.pdf>>.

Acessado em: 10 ago. 2010.

LEWONTIN, R. C.; ROSE, S.; KAMIN, L. **Genética e política**. Lisboa: Biblioteca Universitária. Publicações Europa-América, 1984.

MEYER-BAHLBURG, H. F. L. Sex hormones and female homosexuality: a critical examination. **Archives of Sexual Behavior**, n. 8, p. 101-119, 1979.

PETROVIC, J. E. Moral Democratic Education and Homosexuality: Censoring Morality. **Journal of Moral Education**, v. 2, n. 28, p. 201-209, jun. 1999.

REISS, M. J. Teaching About Homosexuality and Heterosexuality. **Journal of Moral Education**, v. 3, n. 26, p. 343-352, Sep. 1997.

_____. How Should We Teach in Schools about Sexual Orientation?: A rejoinder to Petrovic. **Journal of Moral Education**, v. 28, n. 2, p. 211-214, 1999.

ROSE, S. The Poverty of Reductionism. In: SINGH, R. S. et al. **Thinking About Evolution: Historical, Philosophical and Political Perspectives**. New York: Cambridge University Press, 2001.

ROTHENBERG, R. E. **Medicina e Saúde: guia prático**. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

TELLJOHANN, S. K. et al. Teaching About Sexual Orientation by Secondary Health Teachers. **Journal of School Health**, v. 65, n. 1, p. 18-22, Jan. 1995.